



**Universidade Federal do Pampa - Campus Santana do Livramento
Curso Superior Tecnologia em Gestão Pública
Trabalho de Conclusão de Curso**

REDES SOCIAIS COMO MODO DE RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE CARREIRAS DE MULHERES DA POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL

LAS REDES SOCIALES COMO MODO DE RESISTENCIA: UN ESTUDIO SOBRE LAS CARRERAS DE LAS MUJERES DE LA POLICÍA FEDERAL DE CARRIL

Discente: Eduarda Caroline Dias Alves
Orientadora: Profa. Laura Alves Scherer

Resumo: Os constantes avanços tecnológicos e sociais vêm contornando diversas mudanças nas organizações, como o ingresso de mulheres em instituições historicamente masculinizadas e o uso das redes sociais da internet para divulgação de suas carreiras. Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo foi analisar modos de expressão relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres da Polícia Rodoviária Federal. Especificadamente buscou-se: a) Mapear desafios relativos a gênero nas trajetórias de carreira de mulheres policiais; b) Identificar modos de exposição e interação relativos ao trabalho, sobretudo aqueles atrelados ao gênero, nas redes sociais de mulheres policiais; e c) Analisar as repercussões sobre o uso das redes sociais para divulgação da carreira de mulheres policiais. Como método, realizou-se uma pesquisa de caráter exploratório, abordagem qualitativa, por meio de narrativas evidenciadas com entrevistas semiestruturadas e observação direta do perfil do Instagram de mulheres policiais. De forma complementar, também realizou-se entrevistas com homens policiais. A análise dos dados coletados foi realizada por temas com base na pesquisa narrativa. Entre os principais resultados alcançados, destaca-se que as mulheres policiais utilizam o Instagram como modo de expressão e resistência às situações de preconceito de gênero, para que sejam ouvidas e respeitadas. Dessa maneira, motivam também aquelas que almejam alcançar a carreira de policial rodoviário federal representam a voz feminina da PRF e fazem com que as pautas sobre o machismo e a mulher policial sejam expostas e discutidas, obtendo grande visibilidade.

Palavras-Chave: mulheres na polícia; carreiras generificadas; instituições masculinizadas; redes sociais.

Resumen: Los constantes avances en tecnología y sociedad han demostrado varios cambios dentro de las organizaciones. Por ejemplo, el ingreso de mujeres en instituciones históricamente masculinas y el uso de las redes sociales para dar a conocer sus carreras. En este sentido, el objetivo general de este trabajo fue analizar los modos de expresión relacionados con el trabajo en las redes sociales de las mujeres de la Policía Federal de Carreteras. Específicamente, buscamos: a) Mapear desafíos en las trayectorias profesionales de las mujeres policías; b) Identificar modos de exposición e interacción relacionados con el trabajo en redes sociales de mujeres policías; c) Analizar las repercusiones en el

uso de las redes sociales para dar a conocer la carrera de las mujeres policías. Como método se adoptó una investigación exploratoria de carácter cualitativo, mediante un guión de entrevista semiestructurado y observación directa del perfil de Instagram de las policías participantes en la entrevista, se realizó el análisis de los datos recolectados con base en la investigación narrativa . Entre los principales resultados alcanzados, se destaca que las mujeres policías utilizan Instagram como una forma de expresión y resistencia para que sean escuchadas y demuestren que las mujeres tienen la capacidad de estar donde quieran, obteniendo consecuentemente el reconocimiento de sus seguidores y superiores, provocando un gran impacto. visibilidad y así representar la voz femenina de la PRF.

Palabras-Clave: mujeres en la policía; carreras de género; instituciones masculinizadas; redes sociales.

1.INTRODUÇÃO

Desde a Constituição de 1932, está previsto que todo trabalho de igual valor deverá ter salário correspondente igual, sem distinção de sexo. Ainda assim, décadas depois, segundo o relatório Global Gender Gap Report de 2017, o Brasil está na 90ª posição do Fórum Econômico Mundial, o qual analisa a igualdade entre homens e mulheres entre 144 países. Em 2016, o país tinha ficado no 79º lugar, o que quer dizer que por mais que esteja em uma constante evolução no que se diz respeito à escolaridade das mulheres, os seus salários não acompanham a mesma (GLOBAL GENDER GAP REPORT, 2017). Os dados como salários mais baixos das mulheres e o alto número de feminicídios (FERRAZ, 2017) apontam para uma sociedade ainda machista em maior ou menor grau dependendo das características contextuais.

No contexto das profissões, estas características sociais que levam à misoginia também são absorvidas. Há algumas carreiras, por exemplo, que são consideradas historicamente femininas, como a de professora; e outras historicamente masculinas como policiais, engenheiros, etc. São as chamadas carreiras generificadas, as quais são estabelecidas cultural e historicamente (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). Isso gera a criação de estereótipos e características comuns para determinada função (JABLONSKI, 2010).

Entre as forças policiais, cabe salientar a Polícia Rodoviária Federal (PRF), fundada no ano de 1928 a qual instituiu seu primeiro quadro funcional em 1935, constituído exclusivamente por homens (PRF, 2020). As mulheres eram impedidas de exercer tal função porque não era confiada a elas a capacidade de fiscalizar estradas (SILVA; GOMES, 2016). Foi apenas em 1978, 50 anos após a criação da instituição que houve a primeira aprovação de mulheres na PRF por meio de concurso público (PRF, 2020).

Embora o ingresso das mulheres possa ser visto como avanço, a sociedade desde sempre alimentou expectativas e sistemas de crenças que continuam ditando comportamentos e atividades típicas para homens e mulheres. Dessa forma, as mulheres, ao permanecerem vinculadas aos seus estereótipos, continuam sendo as grandes responsáveis pelos encargos familiares, mesmo assumindo atribuições cada vez maiores no mundo do trabalho e na composição de renda financeira da família (JABLONSKI, 2010). No caso de carreiras em que a minoria são mulheres, pulsam os preconceitos, estereótipos, dificuldades e desafios que elas têm que lidar cotidianamente.

Nesse sentido, combater a misoginia surge como pauta de debate na sociedade contemporânea e vem se disseminando nos mais diversos meios tecnológicos de comunicação. Conforme Pinto (2003), desde cedo o movimento feminista reconheceu o lugar de importância paradoxal ocupada pelos meios de comunicação na sociedade, tanto como fonte para visibilidade e projeção das mulheres, quanto como mantenedor da ordem da dominação masculina através das representações e estereótipos de gênero. E com o crescimento das redes sociais da internet, por ser uma forma gratuita

e de notória abrangência para conscientização da população, uma das formas de debate, é por meio do feminismo digital.

A internet vem ampliar a relação do movimento com suas políticas de comunicação e gênero. Assim, através da necessidade de se construir com um discurso próprio, provocar mudanças e empoderar as mulheres em diversos âmbitos, inclusive o do trabalho, o movimento feminista passa a organizar sistematicamente a produção de seus espaços de comunicação (TOMAZZETTI, 2015).

Frente ao exposto, esta pesquisa traz como objetivo geral analisar modos de expressão relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres da Polícia Rodoviária Federal. Destaca-se ainda o fato de que este estudo tem como foco as mulheres as quais usam suas redes sociais pessoais para divulgação de sua carreira, trajetória e rotinas. A partir deste enfoque foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) Mapear desafios relativos a gênero nas trajetórias de carreira de mulheres policiais; b) Identificar modos de exposição e interação relativos ao trabalho, sobretudo aqueles atrelados ao gênero, nas redes sociais de mulheres policiais; e c) Analisar as repercussões sobre o uso das redes sociais para divulgação da carreira de mulheres policiais.

No que diz respeito à relevância acadêmica deste trabalho, foram realizadas pesquisas nas bases de dados Spell e Scielo, sendo possível observar uma lacuna de conhecimento, visto que não foram encontrados artigos com foco no papel das redes sociais em contexto de carreiras generificadas, o que demonstra o potencial de contribuição deste estudo. A partir dessa perspectiva, este trabalho pretende dar luz aos modos de expressão de resistência de mulheres em carreiras generificadas, buscando contribuir, assim, para minimizar a desigualdade de gênero no mercado de trabalho e especialmente na organização em estudo.

Visando responder os objetivos propostos neste trabalho, este está organizado nos seguintes tópicos: introdução, referencial teórico sobre carreiras generificadas, carreira da mulher policial, modos de resistência e redes sociais; o método definido para coleta de dados; apresentação e análise dos resultados e por último são apresentadas as considerações finais da pesquisa, seguidas das referências utilizadas e dos apêndices do trabalho.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Carreiras Generificadas

O conceito de carreira, pode ter o significado mais tradicional de emprego assalariado, mas também pode estar associado ao sentimento de pertencer a um grupo profissional, a vocação (algo que alguém faz com alto nível de comprometimento afetivo) e a ocupação (algo que alguém faz por necessidade ou obrigação) (BENDASSOLI, 2009).

O mercado de trabalho é um cenário formado de diferentes esferas o qual possui como centro as trajetórias de carreiras dos indivíduos (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). Em relação às mulheres, elas ainda são minoria no mercado de trabalho brasileiro: enquanto homens representam 56,44% da população em idade ativa, apenas 43,56% são mulheres (IBGE, 2010). Com o número menor de mulheres trabalhando, acaba por refletir falhas nas políticas de inclusão e mantém o reforço da cultura machista vivida.

Apesar de tal fato, elas vêm conquistando cada vez mais algumas profissões antes destinadas ao sexo masculino, como por exemplo, nas Forças Armadas, que tradicionalmente sempre foi ocupada por homens, com pouquíssimas mulheres. A primeira mulher a ingressar no exército brasileiro foi em 1823. Porém foi somente em 1943 que foram oficialmente autorizadas a participar (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020).

O estudo de Melo (2017) sobre a inserção feminina na escola naval brasileira mostra que as características tradicionalmente atribuídas ao feminino, como fraqueza e docilidade, fazem com que sejam criadas noções de diferenças entre corpos de homens e mulheres. Enquanto o corpo do homem

é legitimado como aquele que detém a força de um guerreiro, o corpo da mulher é ligado à noção do sexo gestacional e vinculado a funções médicas-científicas.

Segundo Melo (2017), em tal ambiente não existe um padrão masculinizado que todos devem seguir, e sim a reprodução de valores de uma tradição a qual pertence à predominância masculina. A distinção apresentada entre os sexos, no qual a imagem dos homens está atrelada como naturalmente adequada à carreira bélica, e a das mulheres à falta biológica dos mesmos atributos, acaba a prejudicar a integração feminina na carreira, pois gera determinado nível de desconfiança, dificultando que essas mulheres sejam vistas iguais pelos companheiros de equipe (MELO, 2017).

Nessa mesma linha, também é possível verificar a relação entre hierarquia e gênero nas organizações, pelo artigo de Fraga (2019) que analisou a história de vida de comissários de voo gays. Ao decorrer do trabalho, destaca-se que na aviação nacional é apresentada uma forte hierarquia de ocupação e atuações. Os pilotos representam as classes altas e masculinizadas e os comissários são representados por uma diversidade de masculinidades e feminilidades pelas diversas formas de gênero e sexualidade.

O estudo de Fraga e Rocha-de-Oliveira (2016) destaca que o ordenamento patriarcal da sociedade moldou a identidade da mulher para atividades relacionadas a casa, como afazeres domésticos e/ou a cuidados. Sendo assim, a mobilidade de gênero aparece como um forte comportamento organizacional despreocupado quanto às repercussões na vida humana, o qual não se tem avanço.

Ainda segundo Fraga e Rocha-de-Oliveira (2016), nas décadas de 1980 e 1990, as mulheres passaram a se tornar móveis. Surgindo por conta da exclusão das mesmas com relação aos homens. Os ajustes patriarcais levaram-nas a uma nova forma de mobilidade sem estarem diretamente relacionadas por normas de gênero. Como por exemplo, passam a ser maioria como motoristas de ônibus em uma cidade no Iran, a partir do momento em que no setor foi permitido que elas pudessem circular pela cidade como oportunidade de trabalho. Estudos sobre mobilidade internacional revelam que são as mulheres que abrem mão da sua mobilidade em razão da do marido.

Outra colocação importante, é que o que pode ser considerado capital para os homens, pode ser um impeditivo para as mulheres, por conta de estruturas as quais não dão acessos aos mesmos independentemente do gênero. Como por exemplo, a vida familiar é vista como sinal de maturidade e responsabilidade para os homens e para as mulheres seria a falta de compromisso (FRAGA; ROCHA-OLIVEIRA, 2016).

Percebe-se que os estudos sobre carreiras generificadas apresentados podem ser relacionados às ideias de Butler (1997) sobre performatividade do gênero. "Butler, quando coloca que o gênero não é "pré-existente à linguagem" (constativo), mas sim algo que se realiza na/pela a linguagem (performativo), torna visível os diversos processos responsáveis por colocar um corpo em um local identificável de gênero necessariamente binário: ou homem, ou mulher" (ARBO, 2017, p. 8). Arbo (2017) com base em Borba (2014), considera este um processo de generificação. Este que acontece desde o início da vida. Ao ser anunciado à família de que está por vir um bebê: É menino ou menina? Cabem a eles os diferentes comentários, nas mídias, em escolas, sobre o que meninas ou meninos devem ou não fazer e como devem se portar (ARBO, 2017) e da mesma forma ocorre com as carreiras.

Como será apresentado no tópico a seguir, a carreira de policial feminina, assim como situações de inserções citadas, vem crescendo cada vez mais. Dessa forma as mulheres rompem barreiras e culturas machistas que insistem em generificar carreiras onde elas não poderiam realizar as mesmas atividades laborais que os homens.

2.2 Carreira da Mulher Policial

Ao longo dos anos, as mulheres policiais superam-se cada vez mais na busca de espaço. Mesmo atuando em um universo predominantemente masculino, vem rompendo certas barreiras culturais que diz respeito à natureza do seu ofício, fazendo valer a pena suas escolhas profissionais.

No ano de 1955, o Estado de São Paulo, através da Secretaria de Segurança Pública, inseriu o sexo feminino nas atividades policiais, tornando um paradigma de modernização para as corporações do país. Após, na década de 1970 alguns outros estados criaram as companhias femininas. Mas foi somente na década de 1980 que houve a grande concentração de inclusão de mulheres (CALAZANS, 2004).

No âmbito da Polícia Rodoviária Federal que diz respeito ao presente estudo, as primeiras mulheres ingressaram em 1978, somente 50 anos após a criação da instituição (PRF 2020). Foi Maria Alice Nascimento Social, natural do Paraná, socióloga e policial de carreira com 26 anos em serviços prestados à instituição, a primeira motociclista feminina nos quadros da PRF e a primeira mulher a ocupar a direção-geral da instituição entre os anos de 2011 e 2016. Sendo também a primeira a assumir uma direção-geral em uma corporação a âmbito nacional. Devido a sua atuação, Maria Alice foi personagem de quadrinhos do cartunista Roberto Sabino. O qual inspirou-se na Inspetora para escrever histórias de uma mulher a qual dividia sua jornada entre a família e patrulhar rodovias, trazendo a ideia de que esses são os super-heróis da vida real (SACRIFICIOS, 2020).

Um estudo sobre inserção de mulheres no patrulhamento de rodovias no interior baiano, de Silva e Gomes (2016), destaca que o ingresso das mulheres em uma organização tradicionalmente masculinizada tem como principal motivação a necessidade de trabalhar, a estabilidade, conquistar independência e autonomia e o fator que se destaca, seria a escala de trabalho, o qual facilita para que as mesmas possam dividir seu tempo entre as demandas pessoais e o trabalho. Tais entrevistas ressaltam as características de coragem, integridade, moral, e a identificação com o trabalho para ser um bom patrulheiro. Na presença das mulheres, as características naturalizadas ao feminino como presteza e cuidado, passam a ser valorizadas e necessárias para um bom desempenho na função de policial.

O tópico a seguir discorre sobre as atitudes em resistência ao que é imposto ou apresentado como verdade absoluta às mulheres em distintos setores da sociedade.

2.3 Modos de Resistência

A resistência vem sendo tratada na literatura, como uma forma de trabalho de identidade, como um efeito dele, ou como citado em trabalhos mais recentes, a partir de uma relação de sobreposição (BARROS, 2018). Segundo Contu (2008, apud SOARES; SILVEIRA, 2020) a resistência é muito mais do que um mau comportamento de funcionários, ou de atos transgressores, como humor, ironia e cinismo. Conforme essa visão, os atos sutis de resistência modificam pouco a realidade e por isso não se configuram ameaças reais.

Martin, Shoutem e McAlexander (2006) na mesma linha de pensamento dos autores citados acima, mencionam como as mulheres estão buscando emancipação, empoderamento, e aprimorando a feminilidade e sexualidade em ambientes hiper-masculinizados como é o da comunidade de consumo de proprietários de motocicletas Harley-Davidson, o que se pode considerar como modos de resistência.

Porém, na maioria das vezes, conforme Duarte e Quintão (2020), as conquistas das mulheres não são reconhecidas pelos homens. Conforme os autores citam em seu artigo “Resistência feminina nos jogos on-line”, a desvalorização das mulheres é materializada na função em que os homens destinam para as mulheres, o suporte. Função a qual é considerada secundária por ser viável prosseguir normalmente sem ela. Tal papel menor destinado no jogo limita a atuação e condiciona o tipo de desempenho que elas podem ter diante dos demais jogadores.

Ainda segundo Duarte e Quintão (2020), cabe destacar as práticas de resistências adotadas pelas mulheres em jogos on-line, as quais aderem a neutralidade de gênero e mobilizam-se com outras mulheres gamers. Tais ações são tomadas devido ao medo da violência simbólica por meio de ofensas e ameaças devido à masculinidade hegemônica presente também no cenário virtual.

No tópico seguinte, discute-se como as redes sociais são usadas por essas mulheres, com os mesmos fins de resistência à realidade patriarcal. Destaca-se a mesma ideia de empoderamento e aprimoramento em relação à feminilidade em ambientes masculinizados como a Polícia Rodoviária Federal.

2.4 Redes Sociais

Ao abordar temáticas como a tecnologia, cabe destacar que as mesmas não são neutras. São moldadas e planejadas de acordo com interesses políticos hegemônicos (COLEMAN, 2016). Em relação às mídias sociais (ou redes sociais da internet), elas não devem ser compreendidas como somente uma ferramenta para comunicação, mas também como uma forma de empoderamento (DOHERTY et al., 2006), e como constituinte ou constituída por um contexto social e cultural mais amplo (HOOF; BOELL, 2019).

Embora se reconheça as mídias sociais como utilizadas externa ou internamente às organizações, autores como Hoof e Boell (2019) defendem que não faz mais sentido estabelecer tal diferenciação. Conforme Leonardi e Vaast (2017), do ponto de vista organizacional, qualquer funcionário pode contribuir ou compartilhar seu próprio conteúdo em sua mídia social. Isso possibilita que sua voz seja ouvida no ambiente de trabalho para compartilhar suas ideias, sem qualquer hierarquia, por meio de uma participação mais democrática (LEONARDI; VAAST, 2017).

O uso de internet é destacado na literatura como importante provedor de oportunidades de resistência e oposição ao poder. Destaca-se o papel das mídias sociais como facilitadora de processos de resistência (KELSEU; BENNET, 2014). Com a expansão das redes sociais, é notório o crescimento do uso das mesmas para se fazerem ouvir suas opiniões, posicionamentos e lutas. Dessa forma, apresentam-se como uma plataforma multi vocal, por meio de qual grupos marginalizados e silenciados conseguem se fazer ouvir (SHIRAZI, 2013).

Sendo assim, a informalidade das mídias sociais, permite a ruptura com hierarquias organizacionais formais, bem como a inserção de excluídos do plano discursivo (SOARES; SILVEIRA, 2020). Conforme cita Soares e Silveira (2020), “dar voz” significa a possibilidade de ruptura do controle do discurso por um grupo dominante, neste caso o sexo masculino. Expandindo as possibilidades de trabalho de identidade como forma de resistência.

As redes tornam-se uma forma de expressão das mulheres a fim de expor seu trabalho, situações de seu cotidiano, fazer com que outras empoderem-se. Vindo a ser uma ferramenta tecnológica para divulgar e fomentar o movimento de igualdade no trabalho. E assim possibilitando a mulher a posicionar-se e lutar por sua voz, em um ambiente o qual somente o homem possuía do devido “poder”.

A seguir será descrita a fase de procedimentos metodológicos. Os quais tem como finalidade responder os objetivos dados pela presente pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de atender o objetivo desta pesquisa - *analisar modos de expressão relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres da PRF* – foi realizada uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. E como estratégia foi adotada a pesquisa narrativa.

As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2008), têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Ainda afirma que são desenvolvidas com o objetivo de

proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Por sua vez, segundo Engel e Tolfo (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

A pesquisa narrativa, segundo Chase (2005, *apud* CRESWELL, 2014), diz respeito ao fenômeno a ser estudado como os procedimentos de análise das histórias contadas. "Os procedimentos para implantar esse tipo de pesquisa consistem em focar no estudo de indivíduos, reunir dados por meio da coleta das suas histórias, relatar as suas experiências individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências" (CRESWELL, 2014, p. 68). Essa pesquisa visa analisar as narrativas de mulheres da Polícia Rodoviária Federal, que utilizam o Instagram como meio de divulgação do seu trabalho. E como complemento também analisa as narrativas de homens da mesma corporação.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação direta do perfil do Instagram das oito mulheres policiais participantes da pesquisa. Os perfis das mesmas foram encontrados a partir do interesse pessoal da autora em ingressar na carreira de policial rodoviário federal. Ao acompanhar as postagens nestes perfis, notou-se as temáticas gênero e carreira atreladas à vida pessoal como algo recorrente, o que previamente mostrou-se ferramenta fecunda para esta pesquisa. A observação direta das imagens e dos vídeos referentes ao trabalho na PRF nos perfis do Instagram das participantes da pesquisa ocorreu de setembro de 2020 a fevereiro de 2021.

As entrevistas foram realizadas durante janeiro e fevereiro de 2021 com o total de doze servidores, sendo estes oito mulheres e quatro homens. Como forma de seleção dos entrevistados, optou-se pelas mulheres as quais utilizam com frequência o Instagram, postam conteúdo sobre seu trabalho na PRF e possuem grande número de seguidores. Já os homens, foram selecionados por acessibilidade, a partir da rede de contato da pesquisadora, e também por utilizarem o Instagram de forma rotineira, a fim de identificar diferentes pontos de vista. A coleta de dados foi realizada por meio de ligações de vídeo, sendo assim gravadas e logo transcritas, ou, para atender a disponibilidade dos policiais, por meio de respostas enviadas por escrito. A identidade dos mesmos foi mantida em sigilo, e para apresentação e análise dos resultados utilizou-se M1, M2.... e H1, H2... para mulheres e homens, respectivamente.

O roteiro de entrevista (APÊNDICE A) foi elaborado com base no referencial teórico e dividido em dois grupos, sendo eles: GRUPO A) Mulheres policiais ativas nas redes sociais; GRUPO B) Homens policiais. No grupo A, as perguntas foram separadas em três tópicos: história na PRF, uso das redes sociais como modos de expressão e perfil dos entrevistados. No grupo B substituiu-se apenas o primeiro tópico, o qual passa a referir-se à questão de gênero na PRF.

Como técnica de análise de dados, seguiu-se as orientações de Creswell (2014) para as pesquisas narrativas que buscam analisar as histórias dos participantes, assumindo um papel ativo e de "reestoriar" os fatos descritos dentro de uma estrutura que tenha sentido. Estrutura essa que pode consistir no agrupamento, análise de elementos-chave e na reescrita das histórias para inseri-las em uma sequência lógica. Sendo possível apresentar os temas que surgem a partir delas para uma discussão mais detalhada, assim como seus significados.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesse tópico são apresentados os resultados da pesquisa realizada a partir das 12 (doze) entrevistas com as mulheres e os homens policiais rodoviários federais. De forma conjunta também são demonstrados os dados coletados da observação direta nas redes sociais das mulheres aqui entrevistadas.

A partir da exploração e categorização dos resultados, o tópico está organizado em cinco categorias, sendo respectivamente: perfil dos entrevistados; questões de gênero no ingresso, formação

e exercício da função como policial rodoviário federal; começo do uso das redes sociais; modos de exposição e interação; e, por fim, a repercussão do uso das redes sociais para divulgação da carreira.

4.1 Perfil dos Entrevistados

O perfil das mulheres e dos homens policiais é apresentado no quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados

Entrevistado	Idade	Estado Civil	Filhos	Formação	Cidade	Data de ingresso	Número Seguidores
M1	28	Solteira	0	Nutrição	Distrito Federal	19/12/19	27,7 mil
M2	28	Casada	0	Engenharia Civil	Mato Grosso do Sul	16/11/21	15,3 mil
M3	36	Solteira	0	Pós Graduação	Patos - Paraíba	01/06/16	36 mil
M4	36	Solteira	0	Especialização	Macaíba - Rio Grande do Norte	14/02/13	21,6 mil
M5	37	Solteira	1	Bacharel Letras	Distrito Federal	09/12/05	89,9 mil
M6	37	Solteira	0	Direito e Turismo	Diamantino - Mato Grosso	06/06/16	65,3 mil
M7	40	Divorciada	1	Direito	Pernambuco	2016	19,7 mil
M8	28	União Estável	0	Educação Física – pós em Nutrição	Primavera Leste - Mato Grosso	26/12/19	14,9 mil
H1	38	Casado	1	Pós Graduação	Classe I Uberaba - Minas Gerais	17/07/09	50,3 mil
H2	51	Casado	1	Gestão Pública	Classe Especial Belém - Pará	21/12/95	4,3 mil
H3	42	Casado	2	Mestrado	Classe Especial Brasília	02/08/05	142 mil
H4	47	Casado	2	Administração	Santana do Livramento – Rio Grande do Sul	16/07/06	-

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme o quadro apresentado, as mulheres policiais, em sua maioria, são solteiras, não possuem filhos, têm formações em diferentes áreas, e possuem a média de idade de 29 anos. Já as classes as quais estabelecem as divisões em relação à carreira de Policial Rodoviário Federal relacionam-se com a data de ingresso na instituição, que de modo geral foi a menos de cinco anos.

Com relação aos homens policiais, todos são casados, possuem filhos, e são formados em diferentes áreas e possuem mais de 38 anos. Dos quatro participantes, dois ocupam cargos de gestão e outros dois são instrutores no curso de formação, tendo alcançado esse cargo devido ao tempo na carreira. Ressalta-se que devido ao tempo de carreira todos têm vasta experiência na instituição.

4.2 Questões de Gênero no Ingresso, Formação e Exercício da função como Policial Rodoviária Federal

O gênero é uma questão cara às carreiras das mulheres policiais, já que muitos desafios estão presentes no cotidiano das trajetórias dessa profissão que é predominantemente masculinizada e, por isso, de acordo com Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), são chamadas carreiras generificadas.

Sobre a escolha da carreira de policial rodoviário federal, foi possível identificar que cinco das entrevistadas (M2, M4, M6, M7 e M8) tinham o desejo de atuar na área voltada à segurança pública, seja como delegada, policial civil, federal ou militar. De acordo com essas, foi somente no curso de formação, período no qual os candidatos aprovados no concurso passam para efetivarem-se

no cargo, que obtiveram o real conhecimento sobre sua atuação. Além disso, duas entrevistadas (M1 e M3) optaram pela carreira devido a possibilidade de adquirir independência financeira e por ser um órgão federal - e não militar e de carreira única - tendo uma escala favorável e com possibilidade de atuação em todo o Brasil. Sobre os fatores pessoais considerados, pode-se citar: personalidade, estilo de vida, ser solteira, não ter filhos, gostar de trabalhar com homens, remuneração, influência familiar, sonhos e dinamicidade.

A partir disso, reforça-se as características como a necessidade de trabalhar, estabilidade e facilidade na escala de trabalho encontradas por Silva e Gomes (2016) no seu estudo com mulheres policiais. Por outro lado, outros aspectos como a admiração pela carreira, que não havia sido mencionado por estes autores, no presente trabalho emerge e ganha destaque.

Um episódio que cabe destacar é o exposto por M5, que já trabalhou na PRF como terceirizada exercendo a função de secretária por dois anos. Hoje após passar no concurso e ter se formado como policial, ela conta que naquela época sofreu assédio moral por parte de seu chefe, e em função disso pediu demissão do cargo. Nessa situação ocorreu o que é chamado de assédio vertical, o qual segundo Araújo (2007) é aquele oriundo do superior hierárquico da vítima. Ao voltar ao cargo como policial, M5 possuía como expectativa maior respeito e valorização social.

Em termos institucionais, não exista diferença entre gêneros e nem um perfil ideal para carreira de policial, conforme exposto por H1 *“o perfil ideal é aquele que se enquadra no “Perfil Profissiográfico da PRF”, independente de sexo. Exige-se rusticidade, firmeza e postura, características que podem ser adquiridas por ambos os sexos.”* Assim como enfatiza H2: *“não existe diferença, o perfil depende apenas do desenvolvimento de competências e do perfil comportamental”*. Contudo, desde o ingresso na carreira, as mulheres policiais notaram e vivenciaram práticas e tratamentos diferentes devido ao gênero, algo que não foi relatado pelos homens policiais entrevistados. Isso pode ser associado ao machismo estrutural presente na sociedade e refletido na organização, sendo assim percebido por aquelas que sofrem e não por aqueles que praticam.

Esse cenário pode ser exemplificado com situações vivenciadas no curso de formação policial, onde as mulheres eram mais exigidas a possuir um comportamento e postura socialmente associada aos homens, como por exemplo, o revelado por M8 a qual refere-se a conhecimentos sobre carros e força física. Situação semelhante também é exposta por M5: *“No curso tinha um instrutor que pegava muito no pé das mulheres. Acredito que queria forçar a serem mais brutas”*. Deste modo é reforçado o exposto por Melo (2017), o qual afirma que as características culturais são adequadas à determinada profissão, sendo o homem atrelado à imagem natural e adequado à carreira bélica e a mulher, prejudicada pela falta biológica dos mesmos atributos.

No atual exercício da função, o cotidiano de relação com os colegas, de forma geral, é de respeito, assim como com a população. Porém existem situações que ocorrem com os usuários (termo utilizado pelos policiais para nomear os cidadãos que utilizam as rodovias), em que é necessário se impor de forma incisiva, agressiva e firme, pois como mencionado por M5: *“alguns até confundem e dão em cima, como se fossemos objeto de fetiche”*.

Ao serem questionadas se já sofreram preconceito por ser mulher, seis das oito entrevistadas (M2, M3, M4, M5, M6, M8) relataram que sim, tanto por usuários como por seus próprios colegas de trabalho. Seja por meio de brincadeiras, comentários e dúvidas sobre seu potencial, ou até mesmo usuários que não obedecem a elas e somente aos homens. Destaca-se aqui, a situação vivenciada por M5:

Na minha segunda operação, estávamos no trecho e dei ordem de parada a um motociclista, e ele não parou. Imediatamente entrei na viatura e chamei os colegas para irmos atrás dele. E nenhum dos colegas entrou. Quando voltei com o motociclista, fui criticada pela atitude, por ter colocado a segurança e a vida de todos em risco. Mas no mesmo dia, um colega homem teve exatamente a mesma atitude. E ao voltar ao local foi elogiado pelos mesmos

colegas que havia horas antes, criticado a minha atitude, fazendo referência ao homem como um policial muito operacional.

A entrada de mulheres na PRF vem trazendo, ao longo do tempo, mudanças na instituição e também nos papéis desempenhados pelas mulheres policiais. Três das entrevistadas, (M3, M4 e M5), relatam que há uma mudança em relação à atuação das mulheres, as quais antes quando eram relativamente à minoria, ingressavam e não iam para pista, ficavam como secretárias, isto é, conforme Duarte e Quintão (2020), eram colocadas a exercer atividades de suporte aos homens. Hoje, é típico ter mulheres em grupos de motociclistas, de operações especiais e de resposta rápida, assim como trazendo a sensibilidade do gênero nas áreas de direitos humanos, comunicação e em ações junto à sociedade, inclusive com forte atuação e divulgação da profissão nas redes sociais.

4.3 Começo do Uso das Redes Sociais

As redes sociais, na época de seu surgimento, eram utilizadas somente para fins pessoais. Contudo, atualmente as organizações também têm utilizado estas ferramentas digitais a seu favor. Os funcionários podem compartilhar conteúdos que mesclam questões pessoais e organizacionais em sua rede pessoal, possibilitando que estas ideias cheguem para discussão no ambiente de trabalho (LEONARDI; VAAST, 2017). No caso das mulheres policiais, inicialmente estas possuíam seus perfis pessoais no Facebook e Instagram, porém sempre optaram pelo uso deste último por maior facilidade de uso. Contudo, com o ingresso na carreira de Policial Rodoviário Federal, as mesmas começaram a utilizar o Instagram para divulgação da imagem da instituição, assim como para responder dúvidas de indivíduos que almejam pertencer à mesma. Com isso, concentrando diversos seguidores de todas as idades e cidades, o que gera situações inusitadas que nem elas mesmas podiam esperar.

Após a efetivação no cargo, as mulheres policiais começaram a compartilhar no Instagram o amor à profissão e, aos poucos, começaram a receber o reconhecimento positivo dos seus seguidores e superiores. Cardoso e Lamy (2016) afirmam que aqueles que utilizam as redes sociais podem apoiar causas, instituições ou pessoas, podendo comunicar-se através de mensagens privadas, posts públicos onde podem interagir e compartilhar informações. Desse modo, nas redes sociais das mulheres policiais houve um acréscimo das solicitações de pessoas que gostariam de saber mais sobre a instituição, bem como as solicitações para compartilhamento de dicas de estudos por aspirantes ao concurso da PRF. Com isso, começaram a interagir com o público e abarcar cada vez mais seguidores, tendo M5 o maior número entre as entrevistadas com 90,1 mil e M2, o menor, com 14,4 mil.

Percebe-se que ao responder dúvidas sobre o cargo de policial e interagir com público, essas mulheres acabam inspirando outras, o que corrobora com a ideia de que as mídias sociais além de uma ferramenta de comunicação são uma forma de empoderamento (DOHERTY *et al.*, 2006). Isso repercute em reconhecimento da população e também de policiais recém incorporados na instituição que as seguiam e tinham como inspiração, conforme narrado por M7:

O fulano ao me encontrar em Brasília, me abraçou e se emocionou. Porque quando estudava sempre me mandava foto dos estudos e eu respondia dando força e motivando, disse que muitas vezes olhava as mensagens que enviava para ele como motivo pra não parar de estudar.

Esse reconhecimento também foi externalizado por um policial de cargo superior que utilizou a sua rede social para compartilhar uma publicação de M4: “*a publicação de uma foto minha sobre inspiração por parte de um dos coordenadores da PRF (alto escalão)*”. E ainda há casos que uma publicação pode viralizar como ocorreu com M5: “*repercussão de um vídeo (meu) sobre um assunto atual o qual ocasionou vários seguidores famosos, como atores e cantores*”.

A partir do exposto, pode-se perceber que as mulheres policiais começaram a utilizar o Instagram para compartilhar informações sobre a sua profissão e, com o tempo, foram obtendo reconhecimento e abrangência não esperada.

4.4 Modos de Exposição e Interação

Os modos de exposição e interação das mulheres policiais em seus perfis no Instagram é bastante abrangente. Conforme relatado pelas entrevistadas e observado nas suas redes sociais, a maior parte do conteúdo postado é em formato de fotos no *Feed* e nos *Stories*. Tais postagens tratam de assuntos diversos como, por exemplo, frases motivacionais, compartilhamento de campanhas das quais participam, momentos com os colegas, reportagens de ocorrências, entrevistas realizadas pelas mesmas e realidade do cotidiano policial. Destaca-se que elas enfatizam o cuidado em não mostrar detalhes que podem comprometer a segurança pessoal e da instituição.

Ademais também são postados vídeos no *reels* e no *IGTV* com conteúdos relativos a treinamentos de direção, assuntos importantes no cotidiano da função, como por exemplo a embriaguez ao volante. Para fixar conteúdos que são questionadas com frequência - como por exemplo, dicas de estudos, rotina policial, ocorrências, ser mulher policial – são utilizados os destaques dos *stories*.

As dicas de estudos referem-se ao compartilhamento da experiência das mulheres policiais quando estudavam para passar no concurso, dando dicas sobre treinamento físico, organização do tempo, apostilas, português e redação. Já sobre a rotina policial e as ocorrências são mostradas situações como tombamento de veículos, escoltas realizadas e demais operações, através de fotos ou vídeos. Nesses casos, surgem muitas perguntas dos seguidores como a opinião delas sobre operações mais marcantes e sobre momentos de tensão como acidentes. M2, M5 e M7, por exemplo, já revelaram que os acidentes que envolvem vítimas são aqueles mais marcantes e difíceis de atuar.

Em relação ao tema “ser mulher policial”, observa-se que em todos os perfis das mulheres entrevistadas já houve compartilhamento de conteúdos que abordam, sobretudo, a respeito dos desafios e dificuldades de gênero na profissão. Os relatos retirados dos *stories* de M1, M6 e M8 ilustram essa ideia:

Pergunta seguidor: é mais difícil ser mulher na PRF, ou é mais tranquilo?
Resposta M6: Ainda é difícil ser mulher em qualquer lugar. É complicado falar a respeito. Mas a cada dia a mulher vem se impondo mais e mostrando que pode estar em qualquer lugar que queira, não por ser mulher, mas porque ela tem competência e capacidade para estar onde quiser estar.

Pergunta seguidor: As mulheres costumam dirigir e pilotar as viaturas?

Resposta M6: É difícil ver uma mulher na direção. Infelizmente, somos poucas dentro da instituição. Precisamos aumentar esse número.

Pergunta seguidor: O CFP (curso de formação policial) foi muito difícil por ser mulher?

Resposta M1: O CFP é uma etapa bem difícil tanto para homem como para mulher. Principalmente psicologicamente falando.

Pergunta seguidor: Como é ser mulher na PRF?

Resposta M8: É uma profissão tipicamente/historicamente masculina. Mas se a gente (mulher) se propõe a encarar, tem que fazer direito e não dar margem para criticar nosso profissionalismo, porque seremos sempre mais visadas e cobradas que os homens.

Por se tratar de um tema recorrente, M5 fixou em seu perfil um vídeo explicando a sua opinião sobre homens e mulheres no seu trabalho, o que faz notar a relevância desse tema para ela. M5, primeiramente, fala sobre diferenças biológicas:

não me sinto inferior ao homem porque tenho compleições físicas inferiores, porque me sobressaio em outros aspectos, e está tudo tranquilo, não precisa competir. Prefiro entender

que existe a diferença de gênero. Que eles são melhores em alguns pontos e eu em outros. Não somos inimigos, e que se cada um fizer o seu papel bem feito na sociedade, vai dar tudo certo.

Por outro lado, a carreira policial necessita que sejam exercidas as mesmas atividades físicas entre homens e mulheres. Logo, M5 retrata a sua ideia: *“se tiver que subir em caminhão pra fazer revista, eu vou subir. Se tiver que descer uma ribanceira pra ajudar no socorro de um veículo acidentado, eu vou descer. Se tiver que empurrar carro, vou empurrar (...)”*. Contudo, ela ainda relata que em casos de abordagens aos usuários das vias, é preciso impor-se de forma mais inteligente para evitar possível confronto físico, bem como de modo mais incisivo e rígido para obter respeito a função de autoridade que exerce.

Nota-se certa contradição na fala de M5, pois ao mesmo tempo em que ela relata ser inferior fisicamente, ela diz que pode exercer todas as atividades físicas que seus colegas homens policiais exercem. Isso permite inferir que ela busca romper barreiras impostas no trabalho devido ao gênero, como as exemplificadas por Melo (2017), o qual afirma que historicamente o corpo da mulher está ligado a noção de sexo gestacional, enquanto os homens são aqueles que detêm a força de um guerreiro, refletindo no exercício da carreira de cada um.

Reforçando o que foi obtido por meio das entrevistas, há outro destaque na rede social Instagram da policial citada anteriormente, este intitula-se machismo. Nesse discurso, M5 aborda questões como o machismo velado sendo caracterizado por esta como um machismo muito mais difícil de combater. *“Por exemplo, em abordagens quando eu solicitava a documentação e o documento do carro, o usuário muitas vezes entregava para o meu parceiro. Porque ele não reconhece em uma mulher, uma autoridade”*. Como enfrentamento a este tipo de atitude, enfatiza a necessidade de adotar uma postura mais firme.

Ainda em combate ao machismo velado, dessa vez por parte de um superior, M5 ressalta que ao propor uma troca de plantão ao seu chefe, seu pedido foi negado, pois ficariam duas mulheres na mesma equipe e teriam de sair para ronda sozinhas.

Eu fiquei obviamente indignada com aquela situação. Bati o pé, reclamei, discuti e o chefe acabou autorizando. Só que eu sai pra ronda com essa colega, e de certa forma dei razão para ele, porque escutamos muitas gracinhas e piadinhas, coisas que nunca ouvi quando estava acompanhada de um homem.

Portanto, pode-se relacionar os acontecimentos em pauta com as atitudes de seu superior, com a ideia de Melo (2017), que afirma que no ambiente da segurança pública não existe um padrão masculinizado que todos devem seguir, e sim uma reprodução de valores de uma tradição a qual pertence predominância masculina. Isto é, neste caso o que predomina não é o combate ao machismo, mas sim a proteção e segurança das mulheres policiais.

Por meio das observações das redes sociais de uma forma geral, foi possível verificar que a maioria das mulheres policiais usam de forma significativa o recurso disponível no Instagram de perguntas e respostas nos *stories*, ali respondendo sobre dúvidas da carreira, concurso, até mesmo sobre suas vidas pessoais e questões de gênero que enfrentam. Logo, percebe-se que o Instagram é utilizado para compartilhar tais situações e repercutir como um modo de resistência e oposição ao poder (KELSEU; BENNET, 2014), aqui mencionado como o poder do sexo masculino.

4.5 Repercussões do Uso das Redes Sociais para Divulgação da Carreira

O uso das redes sociais para divulgação da carreira gera diferentes repercussões. Conforme relatado pelas entrevistadas, a resposta do público de forma geral é muito positiva, entretanto há uma minoria que as sexualizam e criticam. Isso aconteceu com M4 ao postar uma foto fazendo exercícios na academia e com M3 que recebeu um comentário em formato de piada e relacionado ao seu

trabalho. As reações das policiais são variadas, em alguns momentos elas ignoram tais postagens e, em outros, elas usam este episódio para debater sobre a necessidade de respeito em relação as mulheres no exercício da sua profissão. Ambas as reações podem ser caracterizadas como modos sutis de resistência (SOARES; SILVEIRA, 2020) proporcionados pela mediação das redes sociais (KELSEU; BENNET, 2014), algo que, se não fosse nesse formato, talvez não houvesse oportunidade de mostrar ou debater institucionalmente e nem socialmente.

Aos olhos da instituição, as entrevistadas acreditam que o uso do Instagram também é visto de forma positiva, desde que seja feito com cautela e dentro dos parâmetros estabelecidos a fim de proteger a segurança de si mesmo e da instituição. Tendo em vista as respostas dos homens policiais, os mesmos acreditam que a exposição das mulheres é vista com devida importância e cautela, conforme dito por H1: *“Desde que respeitados os princípios éticos e posturais e mantida a segurança orgânica da instituição, a divulgação da carreira é bem-vinda”*. Porém, M5 descreve que nem sempre essa atitude é vista de uma forma boa, alguns não gostam e entendem essa prática como ego, e não como uma forma de exemplo a ser seguido.

Na visão dos homens e mulheres entrevistados, a divulgação das suas rotinas dependendo do tipo de postagem influencia de diferentes formas em abordagens e operações, afinal, conforme expõe Coleman (2016), as tecnologias não são neutras. Se exposto só o básico acaba influenciando positivamente, mas também possui o risco de ser muito visada, o que acaba gerando certa vulnerabilidade. Mesmo assim, todos concordam que com o avanço da tecnologia se torne algo mais corriqueiro no dia a dia.

A partir das observações, foi possível reconhecer a admiração e inspiração que a elas são atribuídas, como pode ser visto nos comentários recebidos em seus perfis. Como exemplo, tem-se um vídeo postado por M5 onde a mesma relata situações pessoais com o intuito de encorajar outras pessoas. Abaixo do vídeo, constam comentários como: *“sou grata por ter te ouvido, por conhecê-la e por admirar a mulher guerreira que você é”* e *“você é inspiração de força e fé”*. É importante salientar que as policiais também retribuem aos seguidores palavras de incentivo e motivação, conforme fala M7 *“minha luta é igual a de todas, a única diferença é que já fui aprovada. E quem estuda, ainda será”*. Ela explica que por já ter conquistado a carreira que almejava, ela pode compartilhar suas experiências que auxiliam e inspiram outras pessoas a ingressar na PRF, e assim, conforme Soares e Silveira, (2020), ultrapassando barreiras formais possibilitadas pela informalidade e alcance das redes sociais da internet.

Ao ser questionado às mulheres policiais, qual o sentimento de ser motivação e inspiração para outras mulheres, pôde-se aferir que diversos sentimentos como sentir-se valorizada, gratidão e felicidade, são proporcionados pela relação com suas seguidoras. Neste sentido, M3 relata que: *“é como fazer parte da história, é me sentir útil mostrando que evoluímos como pessoa, como ser humano, que apesar do preconceito, nós, mulheres, estamos tomando nosso espaço, que sempre estive ali, mas não aceitavam”*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os constantes avanços tecnológicos e sociais vêm contornando diversas mudanças nas organizações, como o ingresso de mulheres em instituições historicamente masculinizadas e o uso das redes sociais da internet para divulgação de suas carreiras. Este cenário foi apresentado nesta pesquisa cujo foco são mulheres na carreira de policial rodoviário federal e o uso do Instagram como meio de divulgação das atividades desempenhadas.

Desse modo, as análises permitiram mapear desafios relativos a gênero nas trajetórias de carreira de mulheres policiais (objetivo específico a). Destaca-se que, embora a primeira resposta de homens e mulheres policiais seja a que não há diferença de gênero e nem um perfil ideal para ser policial, evidenciou-se nas trajetórias das mulheres policiais que desde o seu ingresso na carreira, elas

vivenciaram práticas e tratamentos diferentes em relação aos homens, como por exemplo, situações durante o curso de formação em que eram exigidas a ter um comportamento e postura socialmente associada aos homens. Do mesmo modo que durante o exercício de sua função, em que sofrem preconceito por meio de brincadeiras, comentários e dúvidas sobre seu potencial advindas de colegas e usuários das vias. Contudo, a presença das mulheres na instituição se torna cada vez mais presente, sendo possível notar mudanças relacionadas, principalmente, na sua atuação, pois nos primórdios da inserção das mulheres neste meio historicamente masculinizado, elas eram colocadas como secretárias, raramente indo para a pista (termo utilizado que se refere às rodovias e estradas). Por outro lado, hoje é típico ter mulheres em grupos de motociclistas, de operações especiais e de resposta rápida, assim como traz a sensibilidade do gênero para áreas de direitos humanos, comunicação, ações junto à sociedade, e resistente atuação e divulgação da profissão nas redes sociais.

Em seguida, buscou-se identificar os modos de expressão relativos ao trabalho, sobretudo aqueles atrelados ao gênero, nas redes sociais de mulheres policiais (objetivo específico b). Para atender esse objetivo foram apresentadas as narrativas sobre o começo do uso das redes sociais e sobre os modos de exposição e interação. O começo do compartilhamento sobre a carreira das mulheres policiais no Instagram foi devido ao amor à profissão, pelas solicitações de pessoas que gostariam de saber mais sobre a instituição, sobre dicas de estudo, e também pelo reconhecimento positivo que alcançaram de seus seguidores, colegas e superiores, corroborando com a ideia de que as redes sociais além de uma ferramenta de ampla comunicação, são uma forma de empoderamento.

Os conteúdos postados se referem a frases motivacionais, campanhas, reportagens de ocorrências, entrevistas realizadas e cotidiano policial, sendo em sua maioria em formato de foto no *Feed* e nos *Stories*. Ademais, são postados conteúdos sobre treinamento de direção e assuntos sobre o cotidiano policial em formato de vídeo no *reels* e *IGTV*. A maioria das mulheres policiais utilizam do recurso de perguntas e respostas nos *Stories* da plataforma, respondendo sobre dúvidas da carreira, concurso, sobre suas vidas pessoais, e sobretudo questões de gênero que enfrentam, tais como situações em que são desrespeitadas por usuários das vias, em que são diminuídas enquanto profissionais por seus colegas ou superiores, em que precisam utilizar estratégias para evitar confrontos físicos com homens. Ao contar tais situações em seu Instagram elas têm a oportunidade de debater com a sociedade sobre o machismo velado e também de levar tais assuntos para os superiores da PRF, já que muitos policiais são seguidores de suas redes. Estes são caracterizados como modos sutis de resistência, capazes, de paulatinamente, romper barreiras historicamente presentes em carreiras generificadas.

Já quanto a repercussão sobre o uso das redes sociais para divulgação da carreira das mulheres policiais (objetivo específico c), foi constatado que de forma geral a resposta do público é muito positiva. Pelo lado da instituição é importante destacar que se a exposição for feita com cautela e dentro dos parâmetros estabelecidos, será bem vista. Do mesmo modo que dependendo das postagens e divulgações feitas, obterão uma influência positiva em relação as abordagens realizadas. Porém, deve-se ressaltar a importância de seguir normas estabelecidas pela instituição que visam promover a sua segurança, pois ao postarem de forma adversa acabam por ser muito visadas o que ocasiona certa vulnerabilidade. Ainda assim, todos os entrevistados acreditam que com o avanço da tecnologia, o uso das redes sociais para divulgação da carreira se torne mais corriqueiro no dia a dia.

A partir do exposto foi possível responder o objetivo geral: analisar os modos de expressão relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres da Polícia Rodoviária Federal. Ao observar os perfis no Instagram e as entrevistas das mulheres policiais, pode-se concluir que as mulheres ainda sofrem muito preconceito por estarem em um ambiente historicamente masculinizado, o que reflete o machismo existente na sociedade e refletido dentro da instituição. Esse preconceito advém de seus colegas, superiores e usuários das vias, fazendo com que as mulheres policiais ainda precisem agir de forma firme e incisiva para obter respeito, e também de forma preventiva para garantir sua segurança - formas de agir que os homens não precisam se valer. Portanto, pode-se afirmar que as mulheres

policiais divulgam o cotidiano da sua carreira, dando ênfase às questões de gênero, como modo de expressão e de resistência, para, assim, serem ouvidas e para mostrar que a mulher pode atuar e estar no lugar que ela quiser. Dessa maneira, motivam também aquelas que almejam alcançar a carreira de policial rodoviário federal representam a voz feminina da PRF e fazem com que as pautas sobre o machismo e a mulher policial sejam expostas e discutidas, obtendo grande visibilidade.

Como limitação da pesquisa, destaca-se a preferência de alguns dos entrevistados fazerem a entrevista por escrito e não por vídeo conferência. Considera-se uma limitação, pois as entrevistas por vídeo foram mais ricas em detalhes. Para estudos futuros, sugere-se a investigação mais aprofundada sobre os reflexos do uso das redes sociais pelas mulheres policiais que tenham gerado políticas e práticas, favoráveis a equidade de gênero, efetivas e institucionalizadas em organizações que contemplem carreiras generificadas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. R. de. Assédio moral organizacional. **Revista do Tribunal Superior do Trabalho**, Porto Alegre, RS, v. 73, n. 2, p. 203-214, abr./jun. 2007
- ARBO, J. B. **Processo de generificação sob a perspectiva da teoria dos atos de fala**. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em letras) – Centro de letras e comunicação. Pelotas, p. 34. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, M. Digitallycrafting a resistant professional identity: The case of Brazilian “dirty” bloggers. **Organization**, v. 25 n.6, p. 755-783. 2018
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos pagu**, v 43, jul-dez 2014.
- BRASILIA. POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL. **Plano Estratégico 2020 – 2028**. 2019. Disponível em: https://portal.prf.gov.br/sites/default/files/users/user219/Plano_estrategico_2020_2028.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. London, 1997.
- CARDOSO, G., LAMY, C. Redes sociais: comunicação e mudança. **JANUS.NET**, Portugal, v. 2, n. 4, p. 73-96, 2016.
- CALAZANS, M. E. Mulheres no policiamento ostensivo e a perspectiva de uma segurança cidadã. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 142-150, Mar. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 Nov. 2020.
- CRESWELL, J. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**. São Paulo. 2014.
- COLEMAN, S. New mediation and direct presentation: reconceptualizing presentation in the digital age. **New media & society**. Londres. V.7, n. 2, p. 177-198, outubro 2016.
- DOHERTY, Neil F., COOMBS, Crispin R.; and LOAN-CLARKE, John. A Re-conceptualisation of the Interpretive Flexibility of Information Technologies: Redressing the balance between the Social and the Technical. **European Journal of Information Systems**, v. 23, p. 256 – 272. 2006.
- DUARTE, K. C. QUINTÃO, R. T. **Resistência Feminina no Contexto dos Jogos On-Line**. 2020. 16 f. Tese (Doutorado) - Curso de Prog de Pós-Grad em Admin, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020.
- ENGEL, T.; TOLFO, D. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

- EXÉRCITO BRASILEIRO. **A história da mulher no exército**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURL/content/a-historia-da-mulher-no-exercito. Acesso em: 25 de out. 2020.
- FERRAZ, N. Femicídio: 10 países com maior taxa de violência contra a mulher. **Blastingnews**. 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/sociedade-opiniao/2017/01/femicidio-10-paises-com-maior-taxa-de-violencia-contr-a-mulher-001427789.html>. Acesso em 26 nov. 2020.
- FRAGA, A. M. **Carreira de Comissários de Voo e as (I)Mobilidades de Classe Social, Gênero e Sexualidade**. Tese (Programa de Pós-graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.
- FRAGA, A. M.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. R. O Sedentarismo Involuntário nas Carreiras de Mulheres. In: **IX Encontro Nacional de Estudos Organizacionais (EnEO 2016)**, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2016. Disponível em: http://www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=4&cod_evento_edicao=82&cod_edicao_subsecao=1287&cod_edicao_trabalho=20738 Acesso em: 26 nov. 2020.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOOF, F.; BOELL, S. K. Culture, Technology, and Process in ‘Media Theories’: Toward a Shift in the Understanding of Media in Organizational Research. **Organization**, v. 26, n. 5, p. 636–654. 2019
- JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.
- KELSEU, D.; BENNETT, L. Discipline and resistance on social media: Discourse, Power and context in the Paul Chambers ‘Twitter Joke Trial’. **Discourse, Context & Media**, 3, 2014.
- LEONARDI, P. M. and VAAST, E. Social Media and Their Affordances for Organizing: A Review and Agenda for Research. **Academy of Management Annals**, v. 11, n. 1, p. 150-188, 2017.
- MARTIN, D.; SCHOUTEN, J.; MCALEXANDER, J.. Claiming the Throttle: Multiple Femininities in a Hyper-Masculine Subculture. **Consumption Markets & Culture**, v 9, p. 171 – 205, 2006.
- MARTINS, S. P. **Direito do trabalho**. 28. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- MELO, T. B. **Problemas de mulher um estudo etnográfico sobre a inserção feminina na escola naval brasileira**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Cpdoc, Rio de Janeiro, 2017.
- MAYHOFER, W.; MEYER, M; STEYRER, J. Contextual Issues in the Study of Careers. In book: **Handbook of Career Studies**, p. 215-240, 2007.
- NOGUEIRA, C. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Aurora**, São Paulo, v. 3, n 2, 2010.
- PINTO, C. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- SACRIFICIOS e orgulho são destaque no dia do policial rodoviário federal. **Estradas**, 2020. Disponível em: <https://estradas.com.br/sacrificio-e-orgulho-marcam-o-dia-do-policial-rodoviario-federal/>. Acesso em: 23 out. 2020.

SHIRAZI, F. Social media and the social movements in the Middle East and North Africa, **Information Technology & People**, v. 26 n, 1, p. 28 – 49, 2013.

SILVA, J. S. F.; GOMES, A. F. Inserção de Mulheres no Patrulhamento de Rodovias: Um estudo no Interior Baiano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 19-32, ago. 2016.

SOARES, V.; SILVEIRA, R. O trabalho de identidade enquanto Processos de Resistência: Contribuições das Mídias Sociais. In: **Encontro da ANPAD, XLIV** Em ANPAD, 2020.

VERMELHO, S., *et al.* Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, jan.-mar. 2014.

WORLD ECONOMIC FORUM. The Global Gender Gap Report 2017. **World Economic Forum**: Genebra, 2017. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2017.pdf . Acesso em: 10 jan. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Esta entrevista faz parte do Trabalho de Curso de autoria de Eduarda Caroline Dias Alves, graduanda em Gestão Pública na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), *campus* Santana do Livramento, sob orientação da Professora Laura Alves Scherer. A pesquisa tem como objetivo *analisar modos de expressão relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres da Polícia Rodoviária Federal*.

Destaca-se que todas as identidades dos respondentes serão mantidas em total sigilo.

GRUPO 1: MULHERES POLICIAIS ATIVAS NAS REDES SOCIAIS

(História de vida)

- 1 Conte-me sobre a sua história na PRF;
- 2 Porque escolheu a PRF? Quais características da atuação policial foram levadas em consideração na escolha?
- 3 Que fatores pessoais você considera que te levaram a escolher esta carreira?
- 4 Quais os maiores estranhamentos para uma mulher no curso de formação da PRF? Poderia dar um exemplo.
- 5 Como é o cotidiano de sua função, em relação aos colegas e à população?
- 6 Já sofreu preconceito por ser mulher? Se sim, em que situação?
- 7 Percebeu mudanças na PRF a partir da entrada de mais mulheres? Quais?

(Uso das redes sociais como modo de expressão)

- 8 Sobre as redes sociais, quais você utiliza e para quê?
- 9 Quando e por que começou a usar as redes para falar sobre sua carreira?
- 10 Que tipo de conteúdo você costuma compartilhar sobre o seu trabalho nessas redes sociais? (Feed, stories, vídeo ou foto)
- 11 Como é a resposta do público? O que as pessoas costumam comentar sobre o seu trabalho?
- 12 Você interage só com pessoas conhecidas ou com um público mais abrangente?
- 13 Qual foi a situação mais inusitada vivenciada por você nas redes sociais?
- 14 De que forma acredita que é vista essa prática na PRF?
- 15 Acredita que com a evolução da tecnologia, se torne algo mais corriqueiro no dia a dia?
- 16 Em sua visão, o uso do Instagram para divulgação das rotinas da mulher policial influencia em abordagens/operações?
- 17 Qual a sensação de ser uma motivação e inspiração para outras mulheres?

(Perfil da entrevistada)

- 18 Idade;
- 19 Estado Civil;
- 20 Filhos;
- 21 Escolaridade/formação;
- 22 Data de ingresso na PRF;
- 23 Função atual/posto;

GRUPO 2: HOMENS COM CARGOS MAIORES NA INSTITUIÇÃO

(A policial feminina)

- 1. Experiências no curso de formação; Algo causou estranhamento em relação a gênero? Se sim, qual fato?
- 2. Perfil ideal de um policial (tem diferença entre feminino e masculino?);

(Uso das redes sociais como modo de expressão)

- 3. De que forma é vista a prática do uso das redes sociais para divulgação da carreira e rotinas da instituição?
- 4. Existe algum regulamento na PRF sobre o uso das redes sociais para divulgação do trabalho policial?
- 5. Acredita que com a evolução da tecnologia, se torne algo mais corriqueiro no dia a dia?
- 6. Em sua visão, o uso do Instagram por mulheres policiais para divulgação das suas rotinas, influencia em abordagens/operações?

(Perfil do entrevistado)

- 7 Idade;
- 8 Estado civil;
- 9 Filhos;
- 10 Escolaridade/formação;
- 11 Data de entrada;
- 12 Patente/Posto/Função atuais;

APÊNDICE B – TABELA DE CODIFICAÇÃO

CATEGORIA	DEFINIÇÃO		QUESTÕES
HISTÓRIA COM A CARREIRA E O PERFIL	Porque escolheu a instituição, dificuldades no Curso de Formação e durante atuação	Mapear desafios nas trajetórias de carreira de mulheres policiais (objetivo específico a).	1M À 7M
COMEÇO DO USO DAS REDES SOCIAIS	O que levou a utilizar as redes sociais para divulgação da carreira, qual é a forma de publicações (fotos, vídeos), tipo de interação (abrangente ou conhecidos) e o conteúdo que é divulgado.	Identificar modos de exposição e interação relativos ao trabalho nas redes sociais de mulheres (objetivo específico b).	8M, 9M e 13M
MODOS DE EXPOSIÇÃO E INTERAÇÃO			10M e 12M
CONTEÚDO DOS POSTS			Análise das redes sociais
REPERCURSÃO DO USO DAS REDES PARA DEVIDO FIM	Como é a resposta do público, da instituição, influencia na rotina e sensação de ser inspiração.	Analisar a relação entre gênero e redes sociais na carreira de mulheres policiais. (objetivo específico c).	11M a 17M